

Filologia passo a passo

Ana Kelly Borba da Silva¹, Gisele Iandra Pessini Anater²

¹Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

²Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

anakellyborba@gmail.com, giseleandra@yahoo.com.br

Resumo: Esta pesquisa filológica trata sobre a preparação de um glossário para a obra *Bulha d'Arroio* de Tito Carvalho. Este foi defensor da literatura regionalista e costumava enfatizar, em especial, as particularidades e diversidades de sua região. Nessa perspectiva, a língua tinha uma grande importância para o autor. A Filologia é uma ciência muito antiga que se ocupa da linguagem de várias maneiras. Aborda, dentre outras formas, a “edição crítica de textos”, a qual procura constituir o texto primoroso (a partir de manuscritos ou edições antigas, de vida do autor) e, igualmente, desfazer as abreviaturas – quando houver – atualizar a pontuação, interpretar os passos obscuros, podendo também substituir o sistema ortográfico, entretanto respeitando sempre a obra genuína e, por conseguinte o autor. Ressaltamos que a edição crítica pode ter diversas formas, dependendo do público a que se anuncia. Por essa razão, é imprescindível que, em um prefácio ou em uma introdução metodológica, o filólogo-editor determine os princípios e as normas adotadas. A escritora Danila Varella produziu uma edição crítica de *Bulha d'Arroio* usando como texto base a primeira e única edição, datada de 1939. Danila colheu as versões que saíram nos periódicos para o cotejo com aquele texto. Procedeu a atualização ortográfica e publicou sua edição crítica, destacando em notas de rodapé a ortografia do texto original (primeira edição) e as divergências ortográficas encontradas nos jornais. No entanto, a autora suprimiu o vocabulário produzido pelo autor, parte integrante da obra, sem sequer mencionar sua existência. A partir disso, passamos a restauração do texto original da obra. O processo de restauração do texto fundamenta-se nos pressupostos teóricos de Spina (1994), dispostos em *Introdução à Edótica: crítica textual*. Com base nos procedimentos definidos pelo autor, buscamos reproduzir da forma mais adequada e com a maior fidelidade possível a última forma desejada pelo autor, restituindo ao texto sua genuinidade, e com isso permitindo ao leitor fruir uma narrativa confiável e ao crítico o exercício seguro de sua tarefa analítica. Coletamos todas as edições da obra; trabalhamos com três contos: “*Bulha d'Arroio*”, “*Valentia*” e “*Luta de Touros*” e também com o vocabulário. O produto final do nosso trabalho é a íntegra da obra, respeitada na sua autenticidade. Concluímos que não temos uma reedição fidedigna da obra, no que se refere ao texto de fato produzido por Tito Carvalho.

Abstract: This philological study is about the creation of a glossary for the book *Bulha d'Arroio*, by Tito Carvalho. The author was a defender of regionalist literature and used to emphasize, especially, particularities and diversities from his region. In this perspective, language had a great

*importance for him. Philology is a very old science which encompasses language in many ways. It approaches, among other things, the “critical edition of texts”, which intends to constitute the excellent text (from manuscripts or old editions, of author’s life) and, in the same way, to dispel abbreviations – when they exist –, update punctuation, interpret obscure steps and also substitute the orthographic system, but always respecting the genuine work and, therefore, respecting the author. We point out that the critical edition can present different formats, depending on the public it is dedicated to. Because of that, it is essential that, in a preface or in a methodological introduction, the philologist-editor determines the principles and rules adopted. The writer Danila Varela has produced a critical edition of *Bulha d’Arroio* taking as reference the first and only edition, dated 1939. She collected versions published in journals for confrontation with that text. She carried out the orthographic updating and published her critical edition, pointing out in footnotes the orthography presented in the original text (first edition) and the orthographic divergences found in the journals. However, the writer deleted the glossary the author had created, which was integral part of the book, without even citing its existence. Starting from this information, we went through the restoration of the original text. The process of restoration of the text was grounded on the theoretical principles of Spina (1994), available in “Introdução à Edótica: crítica textual”. Based on the procedures defined by the author, we tried to reproduce in the most adequate way and with the highest fidelity the last format wanted by the author, returning to the text its genuineness, and with this, allowing the reader to enjoy a trustful narration and allowing the critic the secure exercise of his analytical task. We collected all the editions of the book; we have worked with three short stories: “*Bulha d’Arroio*”, “*Valentia*” and “*Luta de Touros*”, and also with the glossary. The final product of our work is the whole book, respected in its authenticity. We have concluded that we do not have a faithful re-edition, referring to the text really produced by Tito Carvalho*

Palavras-chave: filologia; etapas do trabalho filológico; *Bulha D’Arroio*.

1. Introdução

Esta pesquisa¹ consistiu na preparação de um glossário para a obra *Bulha d’Arroio*, do escritor catarinense Tito Carvalho. O livro reúne contos de cunho regionalista, que reproduzem a vida campeira do planalto serrano, mais especificamente da região de São Joaquim. O local fazia parte da rota dos tropeiros que vinham do Rio Grande do Sul, servindo de parada e pouso para descanso, a comunidade que ali se formou recebeu forte influência dos pampas. Tito Carvalho retrata com maestria a cultura do povo de São Joaquim, em contraste com a descrição das belas paisagens dos arredores da cidade, porém o que torna suas narrativas especiais, atemporais e universais, é o modo pelo qual o escritor explora a dimensão humana da vivência dessa gente. Ávido leitor, Tito foi dono de uma biblioteca de oito mil volumes, entre seus autores prediletos se encontra

¹ Esta pesquisa teve início no primeiro semestre de 2005 e foi o resultado de uma avaliação de final de disciplina do Curso de Graduação de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina sob coordenação da Prof^a Dr^a Zilma Gesser Nunes e contou ainda, com a participação das discentes Flávia Adelina Vicenzi e Lisi Simão dos Santos.

Monteiro Lobato². Este, como sabemos, foi defensor da literatura regionalista que destacasse as particularidades e diversidades que formam o Brasil. Nessa perspectiva, a língua tinha uma grande importância:

A extensão do nosso território favoreceu grandemente o neologismo. Houve, além disso, a contribuição copiosa do índio e do negro. Há agora a do italiano em São Paulo e a dos alemães no sul.

A maioria dessas palavras são de absoluta necessidade. Como falar da vida amazônica sem recurso às mil palavras de criação local? Como pintar o Rio Grande sem recorrer ao vocabulário gaúcho? E falar do Rio sem tomar as pitorescas invenções glóticas do cafaeste carioca? (LOBATO, 1922 apud PINTO, 1981).

E como falar da cultura da serra catarinense sem recorrer ao dialeto ali utilizado? Tito Carvalho reproduz em suas histórias a linguagem da comunidade de São Joaquim. Os contos, narrados por personagens, imortalizam um quadro completo daquela região: cultura, paisagens, povo, língua, com o brilho artístico de quem conhece a importância da experiência humana.

Devido a essa abordagem lingüística da obra é que percebemos a necessidade de um glossário, ao entrarmos em contato com o texto de Tito Carvalho reproduzido em edição crítica por Danila Varella. A representação de um dialeto particular, com termos lexicais específicos de uma dada região, pede um vocabulário que acompanhe a obra a fim de que o leitor possa melhor se aprofundar nas narrativas. Passamos então à pesquisa, e nos surpreendemos ao entrar em contato com a primeira edição de *Bulha d'Arroio*, armazenada no setor de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina. O autor já havia preparado um vocabulário para seu texto. Surge a partir dessa constatação outra questão: o problema da confiabilidade das reedições.

Danila Varella produziu uma edição crítica de *Bulha d'Arroio* utilizando como texto base a primeira e única edição, datada de 1939. O livro trazia uma reunião de contos de Tito Carvalho publicados em jornais entre os anos de 1920 e 1926. Danila colheu as versões que saíram nos periódicos para o cotejo com aquele texto. Procedeu a atualização ortográfica e publicou sua edição crítica, destacando em notas de rodapé a ortografia do texto original (primeira edição), e as divergências ortográficas encontradas nos jornais. No entanto, a autora cometeu uma falta grave, suprimindo o vocabulário produzido pelo autor, parte integrante da obra, sem sequer mencionar sua existência. O leitor que entrar em contato com a edição organizada por Varella não estará conhecendo a íntegra de *Bulha d'Arroio*, e nem mesmo terá consciência disso.

Portanto, a questão que se impõe diante desses fatos diz respeito a confiabilidade nas reedições de obras literárias, é papel do bom filólogo restaurar a fidedignidade do texto produzido pelo autor, jamais corrompê-lo, alterando o original ou suprimindo uma parte dele, como no caso de Danila Varella. O editor ou responsável pela publicação de um livro cujo autor se encontra morto, deve ter consciência da importância de respeitar o trabalho do escritor, responsabilidade que tem perante este último, perante o público leitor, e perante si mesmo se deseja que seu nome tenha credibilidade.

²Esses dados foram obtidos em entrevista realizada no ano de 2005, com Regina Carvalho, neta do escritor.

A partir disso, o novo objetivo da pesquisa passa a ser a restauração do texto original de *Bulha d'Arroio*. O produto final do nosso trabalho é a íntegra da obra, respeitada na sua autenticidade, e fica como sugestão para uma reedição do livro. Reedição essa que coloque o leitor em contato com aquilo que de fato Tito Carvalho produziu, diminuindo-se ao mínimo necessário a intervenção, que se dá somente no que se refere a atualização ortográfica.

O processo de restauração do texto fundamenta-se nos pressupostos teóricos de Spina (1994), dispostos em *Introdução à Edótica: crítica textual*. De acordo com o autor:

A publicação [...] do documento, tendo-se em vista a apuração do seu texto, a busca da sua genuinidade [...], é objeto de uma disciplina denominada *Edótica*, que, como a História, se fundamenta no método crítico. (Spina, 1994, p. 65)

Ressalta, ainda, que o objeto primordial da ciência edótica é o texto literário; o processo de restabelecimento do original dá-se da seguinte forma:

A explicação do texto, a sua restituição à forma original através dos princípios da crítica textual, constituem aquilo que podemos chamar de *função substantiva* da Filologia; a Edótica compreende essa operação da crítica textual e a organização material e formal do texto com vistas à publicação. (SPINA, 1994, p. 82).

Com base nos procedimentos definidos por Spina, busca-se reproduzir da forma mais correta e com a maior fidelidade possível a última forma desejada pelo autor, restituindo ao texto sua genuinidade, e com isso permitindo ao leitor fruir uma narrativa confiável e ao crítico o exercício seguro de sua tarefa analítica.

Vale ressaltar, ainda, que o trabalho filológico de Telê Porto Ancona Lopez, na edição crítica de *Macunaíma* (ANDRADE, 1978), foi-nos inspirador. A obra é produto de uma investigação que reúne as diversas edições em vida do autor, o decorrer das alterações, seus manuscritos, as anotações de pesquisas nas quais se baseou, etc. Trata-se, pois, de um levantamento completo sobre a construção do texto de *Macunaíma*. Trabalho cujo produto se faz excelente para a análise crítico-literário. Além disso, ela reúne também um amplo apanhado da fortuna crítica, entre outros fatores complementares. Telê Porto amplia a obra, trazendo um panorama completo de todas as versões do autor, do histórico de elaboração do texto e da apreciação crítica. Trata-se portanto de uma excelente edição crítica que permite ao público e, especialmente, ao analista a devida apreciação da obra.

Seguindo os processos da Edótica, coletamos todas as edições de *Bulha d'Arroio*. Existe somente uma obra autêntica e genuína³, a primeira edição, de 1939, que foi encontrada no setor de obras raras da Biblioteca Central da UFSC. Fotografamos o texto para utilizá-lo na pesquisa. As outras edições, posteriores ao falecimento de Tito Carvalho, são as seguintes: a edição crítica de Danila Varella, de 1979; e a edição da Fundação Catarinense de Letras, que reúne o romance *Vida Salobra* e os contos de *Bulha d'Arroio*, de 1992, organizada por Almiro Caldeira e Mâncio da Costa.

Trabalhamos com três contos: “Bulha d'Arroio”, “Valentia” e “Luta de Touros” e também com o vocabulário. Reunidos todos, procedemos à comparação dos textos.

³ Ambos os conceitos extraídos de Spina, à página 27.

Constatamos que os organizadores alteraram a escrita das narrativas somente no que diz respeito a ortografia, que foi atualizada. A divergência encontrada diz respeito ao vocabulário. Danila, como já foi exposto acima, simplesmente o suprimiu, sem nenhuma notificação ou aviso prévio. Já a edição da Fundação Catarinense de Letras, publicou um glossário ampliado, incluindo provavelmente termos presentes no romance *Vida Salobra*. Aquele produzido por Tito Carvalho, que faz parte da primeira edição, foi portanto alterado nesta reedição de 1992. Novas palavras foram acrescentadas, além disso, a redação do nosso escritor catarinense foi modificada. Alguns termos vinham com uma explicação mais larga do aquela produzida por Tito, com outros sinônimos. Desse modo, as duas edições não preservaram o vocabulário original da primeira publicação de *Bulha d'Arroio*. A partir disso, conclui-se que não temos uma reedição fidedigna da obra, no que se refere ao texto de fato produzido por Tito Carvalho. Após a análise, excluimos as cópias não fiéis e utilizamos como texto base para uma possível reedição a publicação de 1939. Constam no corpo do trabalho os três contos citados, uma vez que trata-se apenas de uma amostragem, e o vocabulário completo. O material teve sua ortografia atualizada.

Faria parte ainda da pesquisa uma análise crítica mais apurada do texto da referida obra. Se temos hoje um cânone literário estabelecido, com figuras inquestionáveis da literatura brasileira, é porque houve um trabalho crítico de pesquisa e análise das produções desses escritores. Falta para as Letras catarinenses justamente a realização dessa tarefa, de forma que nossos autores sejam resgatados no que tem de original e de valor artístico. Para tanto, é necessário um processo de análise e de investigação mais detido. Exemplo disso, é o caso citado por Caldeira⁴, no texto introdutório da edição da Fundação Catarinense de Letras:

Na escolha dos títulos de seus escritos, a sensibilidade conduziu-o a achados de extrema expressividade e originalidade, como este *Bulha d'Arroio*, que a Guimarães Rosa encantou a ponto de confessar na dedicatória do seu *Sagarana*:

“A TC, autor de um livro cujo título eu invejo: *Bulha d'Arroio*.”
(CALDEIRA apud CARVALHO, 1992, p. 17).

Tentamos levantar esse dado no livro *Sagarana*, de Guimarães Rosa, mas as publicações mais recentes não traziam essa informação. Seria necessário uma investigação mais rigorosa para se obter a primeira edição do livro. É papel de nossos críticos catarinenses resgatar informações preciosas como essa para estabelecer o valor de nossos escritores. Tito Carvalho produziu obras regionalistas, cuja forma estética ganharia o centro do cenário literário em 1930, em romances imortalizados pela crítica e produzidos muito depois dos dele (embora a obra tenha sido publicada em 1939, os contos foram escritos entre 1920 e 1926). Um trabalho de análise mais profunda da dimensão artística de Tito seria uma outra etapa. No entanto, não deixamos de tentar realizá-la, mesmo que de forma ainda limitada, em texto que se segue e que consta previamente ao texto preparado para publicação.

⁴ Almiro Caldeira, segundo Regina Carvalho, era genro de Tito Carvalho e muito amigo seu, casado com Lea Carvalho.

2. Metodologia

Seguindo os processos da Edótica, coletamos todas as edições de *Bulha d' Arroio*. Existe somente uma obra autêntica e genuína⁵, a primeira edição, de 1939, que foi encontrada no setor de obras raras da Biblioteca Central da UFSC. Fotografamos o texto para utilizá-lo na pesquisa. As outras edições, posteriores ao falecimento de Tito Carvalho, são as seguintes: a edição crítica de Danila Varella, de 1979; e a edição da Fundação Catarinense de Letras, que reúne o romance *Vida Salobra* e os contos de *Bulha d' Arroio*, de 1992, organizada por Almiro Caldeira e Mâncio da Costa.

Trabalhamos com três contos: “Bulha d' Arroio”, “Valentia” e “Luta de Touros” e também com o vocabulário. Reunidos todos, procedemos à comparação dos textos. Constatamos que os organizadores alteraram a escrita das narrativas somente no que diz respeito a ortografia, que foi atualizada. A divergência encontrada diz respeito ao vocabulário. Danila, como já foi exposto acima, simplesmente o suprimiu, sem nenhuma notificação ou aviso prévio. Já a edição da Fundação Catarinense de Letras, publicou um glossário ampliado, incluindo provavelmente termos presentes no romance *Vida Salobra*. Aquele produzido por Tito Carvalho, que faz parte da primeira edição, foi portanto alterado nesta reedição de 1992. Novas palavras foram acrescentadas, além disso, a redação do nosso escritor catarinense foi modificada. Alguns termos vinham com uma explicação mais larga do aquela produzida por Tito, com outros sinônimos. Desse modo, as duas edições não preservaram o vocabulário original da primeira publicação de *Bulha d' Arroio*. A partir disso, concluí-se que não temos uma reedição fidedigna da obra, no que se refere ao texto de fato produzido por Tito Carvalho. Após a análise, excluímos as cópias não fiéis e utilizamos como texto base para uma possível reedição a publicação de 1939. Constam no corpo do trabalho os três contos citados, uma vez que trata-se apenas de uma amostragem, e o vocabulário completo. O material teve sua ortografia atualizada.

3. Tito Carvalho: Vida e Obra

Tito Carvalho, jornalista e escritor catarinense, nascido na cidade de Orleans a 4 de janeiro de 1896, filho do comerciante e político Antônio Gomes de Carvalho – que foi Presidente do Primeiro Conselho Municipal de Orleans, quando o município fora fundado em 1913 – e de Lorena Carvalho, soube levar o nome de Orleans para âmbito estadual e nacional.

Tito destacou-se como jornalista e escritor, sempre enfatizando sua terra natal e também atribuindo a ela belos encantos. Uma de suas marcas foi deixada em Orleans, onde juntamente com seu cunhado Godofredo Marques, foi fundada a *Gazeta Orleanense*, em 1915, o primeiro Jornal de Orleans. Estes dois, igualmente, fundaram um Jornal em Laguna. Em sua fase inicial Tito Carvalho escreveu também para outros jornais da região. Após esse período, transferiu-se para Florianópolis onde dirigiu a *República* e o *Diário da Tarde*, além de participar da equipe da redação de *O Estado e Dia e Noite*. O autor também se destacou como cronista. Veio a falecer em Florianópolis, em 1965.

⁵ Ambos os conceitos extraídos de Spina, à página 27.

Em 1939 publicou o livro *Bulha d'Arroio* e em 1963, *Vida Salobra*. Nessas obras, o autor transportou com originalidade o linguajar regionalista do serrano joaquinese e lageano, colocando suas características peculiares.

Na entrevista com sua neta Regina Carvalho⁶, fomos informadas de que a linguagem utilizada na obra aproxima-se do dialeto gauchesco, do qual absorveu influências. Tito, ainda segundo sua neta, conhecia bem o linguajar serrano-catarinense porque, embora nascido em Orleans, todos os fim de semana, feriados, férias, subia a Serra para passar dias agradáveis na casa de seu tio, em São Joaquim. Mais tarde, em 1917, viria a se casar com a filha deste, sua prima Lorena.

O objeto do nosso estudo, *Bulha d'Arroio*, é uma narrativa que guarda a memória de uma cultura da região serrana, denotando alguns costumes, o espaço físico específico do local através de suas paisagens; terras altas do Planalto, e outros.

Os contos de *Bulha d'Arroio* “foram publicados, em sua maioria, de 1920 a 1926, na imprensa de Florianópolis”, conforme informação do crítico Nereu Corrêa. De acordo com Frozza:

Bulha d'Arroio tem por temática as vivências e os problemas decorrentes das transformações econômicas e sociais, ocorridas no Planalto Catarinense nas décadas de 20 e 30 do século XX. É a época dos tropeiros, fazendeiros, pequenos sitiantes e criadores de gado, época marcada pelo afastamento dos movimentos culturais, ocorridos nos grandes centros brasileiros, e por uma economia fundada na agricultura e na pecuária, em particular, no comércio de gado. (FROZZA, 2003, p. 18-19)

Nas narrativas, o povo serrano se apresenta em situações de trabalho, lazer e defesa da honra, sendo explorada a vida campeira. Os temas e os linguajares são específicos do local, Planalto Catarinense, por isso identifica-se a obra como sendo de cunho “regionalista”.

Nas palavras de Nereu Corrêa, o escritor Tito Carvalho explora a “vida campeira” do “planalto de São Joaquim”, interpretando e recriando linguagens e temas característicos dessa região. Dessa forma, entende que o escritor, ainda que de forma involuntária, situa-se no “contexto modernista” de 22, por considerar que uma das “conquistas” desse movimento foi a “recusa aos temas importados” e, em consequência, “o retorno às fontes nativistas com toda a sua carga telúrica”. O caráter regionalista de Tito Carvalho, segundo Iaponan Soares, é influenciado pelo regionalismo de Coelho Neto e Afonso Arinos, podendo ser considerado como um dos poucos “documentos de vida dos campos de Santa Catarina”. Em estudo mais recente, Helena Tonquist assinala a presença, em *Bulha d'Arroio*, da vertente regionalista brasileira, iniciada no século XIX, que trata de “preservar, pelo registro literário, os usos e costumes típicos de regiões afastadas” dos centros urbanos. (FROZZA, 2003, p. 23-24).

Ainda segundo Frozza (2003), o escritor Tito Carvalho recria, nos contos de *Bulha d'Arroio*, a terra, a gente e a cultura do Planalto de Santa Catarina ao representá-las na ficção em casos e histórias e em fragmentos descritivos de paisagens, retratos e quadros.

A coletânea, formada por dezesseis narrativas curtas, com exceção de *Flores de Sangue e Santa Luzia*, é editada em 1936, porém vários contos haviam sido publicados, anteriormente, na imprensa de Florianópolis. Nas palavras

⁶ Entrevista realizada com Regina Carvalho, em 2005, pelas integrantes deste trabalho.

de Nereu Corrêa, o livro compõe-se de “casos de chinês, de tragédias domésticas, de valentia e de vingança, ao lado de algumas páginas puramente descritivas de paisagens, cenas e costumes da região”. (p. 38)

Sobre o conto *Bulha d'Arroio*, este grava a temática de luta do homem em defesa da honra, todavia explana temas como a morte e a solidão. Pedro Lonanco é o narrador e conta para um narratário, caracterizado por *seu doutor* – esta estrutura de *Bulha d'Arroio* lembra aquela seguida por Guimarães Rosa em “Grande sertão: veredas”, em que um narrador em primeira pessoa narra para um ouvinte alguns fatos que ocorreram durante sua vida no sertão, ressalta-se que *Bulha d'Arroio* é anterior –, as razões que o levaram a matar Tanagilda, sua esposa, e tio Jaço, o amante. A história, relatada em forma de confissão, tem início com a execução do *enzoineiro* tio Jaço *com uma carga de chumbo de paleta*. Em seguida, comenta sobre a forma acidental de como soube que sua honra estava ameaçada, fato que deixa a vida do tropeiro *cangalha mal enjamburada*, dividida pela coragem e amargura, já que os costumes e usos da região exaltam a honra de um homem e esta só se restabelece pelo sangue dos traidores: tradição que se confirma no conto. O ato de matar pressupõe a privação da liberdade, sobrando ao narrador a saudade do campo e da lida no campo, que o acompanhara até a *cova*. Para Frozza:

marcada pelo elemento trágico, a narrativa representa aspectos da cultura da região serrana, documentada por dois quadros de costumes (hipotipose), sendo um de defesa da honra e outro de enfrentamento físico de tio Jaço e do narrador Pedro Lonanco – após o *pinicar* na viola dos acontecimentos da *vida triste* do último – ; por um retrato psicológico do sedutor (etopéia) e por um quadro paisagístico (topografia). (2003, p. 39)

No conto *Luta de Touros* tem-se uma narrativa dupla, assim como podemos considerar em *Bulha d'Arroio*, em determinado momento o narrador deixa claro que está preso em decorrência de circunstâncias expostas na primeira história. Em *Lutas de Touros* o embate é inevitável entre os animais para a conquista de espaço. Porém, humanizado, o animal que vence no fim do conto, delineia um certo arrependimento por ter perdido na luta um bom oponente, o que segundo Frozza, metaforicamente, liga os instintos animais a uma necessidade humana. Em *Minuano* ocorre o mesmo. Primeiramente, é relatado o percurso do tropeiro que orienta um médico até a casa de alguém ferido. Apenas no final do conto é que se compreende as observações do tropeiro sobre a sua vida dura, pois seu irmão é o doente para o qual leva *socorro de urgência* – fato que pode ser entendido como uma segunda história (temática) dentro do conto. Em *Tigüera*, enquanto tio Izidro narra a história de Mané-João e nhá-Candoca, deixa pistas de uma outra história, sua vida de escravo – que pode se constituir como uma segunda história.

O conto *Valentia* tem como temática um pequeno episódio amoroso e aborda uma narrativa diferente; possuindo dois narradores. A narrativa inicia-se com a fala do narrador impessoal e segue com a fala do marujo narrador, em primeira pessoa. Este, passa a narrar a história que se passou em uma festa em Bracatingas, devido um triângulo amoroso. Em *Valentia*, tem-se a luta em defesa da honra, que nesta situação foi provocada pelo ciúme. O baile ocorrido em Bracatinga adquire o “papel de espaço e provocação, de disputa amorosa e de reafirmação de posse” (FROZZA, 2003, p. 120).

Em *Bulha d'Arroio*, em geral, as descrições recriam paisagens inundadas pelo sol poente, diversificando o centro da visão do olhar do narrador/descritor (Pedro Lonanco), este, restringe seu olhar ao firmamento, identificando o espaço destacado

pelo final *de tarde*, quando o *céu*, como *rês golpeada no sangrador*, ia ficando dum *vermelho de sangueira*.

As descrições paisagísticas em *Bulhas d'Arroio* são representadas, em sua maioria, como o modo utilizado pelo narrador/descritor para recriar um espaço físico, baseados em elementos atualmente observáveis no Planalto Catarinense.

Nos retratos descritos na obra *Bulha d'Arroio* tem-se presente o aspecto psicológico das personagens em uns casos e em outros, a descrição dos traços físicos. Esses retratos, segundo Frozza (2003, p. 99), “encontram-se dispersos nos textos e ligados à narração, porém todos são inseridos adequadamente na narrativa, contribuindo para uma composição harmoniosa”. O autor acrescenta ainda que:

Em *Bulha d'Arroio* há uma variedade de fragmentos descritivos de usos e costumes, categorizados em quadros de trabalho, luta e lazer, que denotam a preocupação do escritor em representar o contexto social e cultural das personagens de sua ficção. O universo humano, topográfico e cultural onde Tito Carvalho busca os temas de suas narrativas é o Planalto Catarinense, região adotada por ele como local de descanso e, durante algum tempo, de trabalho. Embora sejam narrativas ficcionais, é possível estabelecer uma relação entre essa ficção e a realidade do Planalto Catarinense, situando-a no contexto sócio-econômico e cultural motivado pela agricultura e pecuária de subsistência. (FROZZA, 2003, p. 115-116)

Essa diversidade de representações de quadros de usos e costumes em *Bulha d'Arroio* assinala as transformações sócio-históricas e econômicas sucedidas no contexto social do Planalto Catarinense, no final do século XIX e no início do século XX.

Os críticos de Tito Carvalho – Nereu Corrêa, Altino Flores – divergem sobre o teor regionalista, em *Bulha d'Arroio*. Para Tornquist,

Se a literatura de caráter regional, por outro lado, pode interessar à crítica especializada, que procure reler, sob uma ótica nova, textos que a tradição nos legou, a obra de Tito apresenta-se como um terreno fértil no campo das relações intertextuais. São tentadores, por exemplo, certos aspectos relativos ao imaginário, reconstruído pelo universo ficcional a sugerirem o trajeto de valores culturais entre regiões fronteiriças. Tal estudo seria oportuno na ficção regionalista de Tito, já que esta ambienta-se nos campos de Cima da Serra, os quais, pela paisagem natural e pela forma de povoamento, representam um ponto de aproximação entre os dois estados do sul do Brasil e a campanha rio-platense. (apud CARVALHO, 1997, p. 156)

Em “*Bulha d'Arroio*”, tem-se uma variação temática ao longo das narrativas, o que permite identificar, em uma diversidade de usos e costumes, as mudanças decorridas no Planalto Catarinense no final do século XIX e início do século XX. De um lado apresentam-se as narrativas que representam o homem de campo em sua luta diária pela sobrevivência econômica e no intuito de manter suas tradições; de outro, há o abandono do campo e a representação das personagens em busca de urbanização, revelando a invasão do mundo rural pelo urbano.

Tito Carvalho, além dos tijolos, possui a argamassa, que nada mais é do que a sua própria experiência, intuída através de vários anos de convívio com o meio e instrumentalizada pela imaginação do romancista. (CORRÊA apud CARVALHO, 1979)

4. Vocabulário para leitura dos contos de “Bulha d’Arroio”, de Tito Carvalho (Páginas serrano-catarinenses)

Apresentamos a seguir o vocabulário completo, de acordo com o que propusemos, a fim de que a leitura dos contos selecionados (anexo I) extraídos da obra “Bulha D’Arroio” (Figura 1), possa estar assegurada.

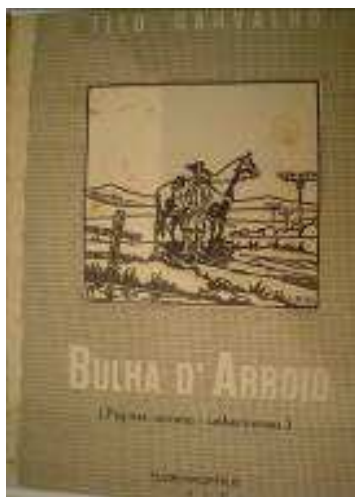


Figura 1. Capa da obra Bulha D’Arroio de Tito Cravalho

Abichornado: abatido, triste.

Aboiar: cantar o aboio, ao conduzir tropas de bois.

Abombar: cansar.

Abrir o pala: fugir.

Acolherar: unir dois animais, atando-os pelo pescoço com uma tira de couro. Casar.

Afrontado: insultado. Atacado de dispnéia.

Agregado: o que vive na mesma fazenda, de favor.

Agravar-se: zangar-se, ofender-se.

Ajoucar-se: aconchegar-se, acocorar-se, aquietar-se.

Ajutório: auxílio.

Alçado: bravio, selvagem.

Aloite: luta.

Alazão: pêlo de animal.

Amaridar-se: casar-se.

Ameixa: bala.

Andantes: viajantes.

Anticristo: monstro.

Apá: pá

Apá (volta do): traseiro, nádegas.

Aperreado: difícil de domar.

Apojo: leite gordo, do fim da ordenha.

Aprontação: preparativos para o casamento.

Aricunga: cavalo ruim.

Arreador: chicote.

Arreata: tira comprida de couro, com que se prendem as broacas.

Arreganhado: de queixo cerrado pelo cansaço. Há o costume de se queimar, como remédio, um pano junto às ventas do animal.

Arvoado: desequilibrado, tonto.

Assado: posta de carne própria para assar.

Atrever-se: abalançar-se

Atossicar: atičar, açular.

Badana; quadrado de couro, posto sobre os pelegos.

Baderna: briga.

Bagual: potro.

Baio: pêlo de animal. Cigarro de palha.

Baixeiro: peça de encilhar, posta entre o lombo e a carona.

Bandear-se: passar-se, mudar-se.

Banguê: maca improvisada.

Barbeludo: quem tem o perigalho grande.

Barbicacho: cordão com borla na ponta, que prende o chapéu ao pescoço.
Bater a fivela: morrer.
Bater pedra: fechar um negócio, contrato, etc.
Bebequinho: bebezinho.
Beneficiar o gado: castrar.
Beta (tirar uma): observar.
Bichará: pala de lã.
Bichoquinho: bichinho, criancinha gorda.
Bicota: beijo.
Bilontra: volúvel, namorador.
Biqueira: prender o beicho do animal com o tento da argola do relho, torcendo-o.
Boçalete: cabresto aperfeiçoado.
Bocó: bolsa de carregar a tiracolo.
Bófes: pulmões.
Bolear-se: balançar-se, atirar-se o cavalo com o cavaleiro.
Bombear: espiar.
Borrachão: garrafão. Garrafa feita do chifre do boi.
Broaca: (bruaca): bolsa grande de couro cru, para transporte de cargas ao lombo dos animais.
Brocha: parada repentina do cavalo a galope, o qual escorrega sobre as patas traseiras.
Buenacho: calmo, bondoso, paciente.
Bugre: anus.
Cabeçadas: partes dos apeiros.
Cabrestado: puxado pelo cabresto.
Cachicholo: casa pequena, casebre.
Caipa: caiporismo, má sorte.
Calenga: trôpego, capenga.
Camboim: madeira, cacete.
Campeira: botas compridas.
Camargo: café a que se mistura leite, na ordenha.
Cambar: inclinar, prender.
Cambicho: paixão, apego, “béguin”.
Campear: procurar.
Canastra: mala de conduzir ao lombo dos muares.
Cancha: local de corridas de cavalos.

Cangalha: cavaletes sobre que se engancham as broacas ao lombo dos animais.
Canguachi: maribondos.
Canguara: aguardente, cachaça.
Canhada: pequena planície entre morros.
Canhoto: satanás
Capado: porco gordo.
Capuchos: flocos de neve.
Caracu (mudar): caminhar.
Caracu de ponta (botar-se de): viajar a pé.
Carancho: espécie de gavião.
Carijó: briga.
Carreiradas: corridas de cavalos.
Carrocha: mandíbula.
Carucaca: ave grande, meio domestica.
Cavocar: cavar.
Chancho: porco.
Chapada: planície.
Chapéu de veado: chifres, cornos, desonra.
Chicojuelo: rótula.
Chilenas: esporas grandes, de prata.
Chimbezinha: de nariz curto, raquítica.
Chiquerá: chicote de cabo comprido, de madeira, e alongada tira de couro.
Chocoalhar: chocalhar.
Chuero: selvagem, não domado.
Chuspa: bolsa de borracha, para fumo.
Chibarro: veado.
Cinchar: apertar com a cincha.
Chincha: peça que se passa pela barriga do animal e sobre o lombilho para segurá-lo.
Cincho: fôrma de fazer queijo.
Coalheira: diz-se de certo órgão da vaca, que, seco, serve para coagular o leite para queijos. Cheio de furos.
Coxilhas: morros de pastagens.
Cochonilho: pelego.
Cola: cauda, rabo.
Comer capim pela raiz: morrer, estar morto.
Concho: convencido, cheio de si, tranqüilo.
Confiado: ganjento, atirado.

Copinho: caneca.
Cordas inteiras: tendões perfeitos.
Cordeona: gaita de fole.
Coringa: demônio.
Corneta: que tem uma aspa só.
Corredor: estrada entre as taipas de dois campos.
Correio: estafeta do correio.
Cortar a arreata: tirar o namorado ou a namorada a outrem.
Costear: castigar.
Costilhares: costelas inteiras.
Cotejo: duelo.
Cotó: toco dos braços ou pernas.
Crioulo: nascido no campo ou fazendo.
Cruza: cruzamento.
Cuca (fazer): provocar.
Culha; cuia, cabeça.
Cúpola: cabeça.
Curtefúgio: curva, gesta rápido de defesa.
Dar louvado: pedir a benção.
Dar luz: dar espaço, distancia, desvantagem.
Dar na folia: prostituir-se.
Décimas: estrofes de dez versos, cantigas.
Decomer: comida, refeição.
Descomposta: despida.
Despaletar: aleijar, fraturar o ombro.
Desunhar: fugir, correr.
Destorcida: desembaraçada, franca, positiva.
Digibilar: desfiar, esmiuçar, deslindar.
Divisa: limite, confronto.
Dizedor: goela, língua.
Embirar: morrer.
Emboá: mentira.
Emboscada: visita festiva, de surpresa, ao fazendeiro, seguida de churrasco e baile – espera armada, às ocultas, para o assassínio.
Encagaçar: assustar, amendrontar.
Encontros: peito, tórax.
Encorrigido: encolhido, amarfanhado.
Enfestar: aumentar a conta, repetir as contradanças.
Engolideiras: garganta, goelas.
Enjambrar: arranjar, improvisar.
Ensaio: capricho atoleimado.
Ensaiera: caprichosa, cheia de vontades e luxos.
Entiquento: provocador.
Entrevero: mistura, confusão.
Envolvida: absorvida no trabalho, atrapalhada.
Enzaricar: irritar.
Enzoina: invenção, volubilidade, mentira interesseira.
Erguer-se para: partir, viajar.
Esbrugar: esmagar, quebrar torrões.
Escaceador: que levanta e abaixa a cabeça de continuo.
Escorvado: embriagado.
Escoteiro: sozinho.
Escarafunchar: espevitado, esburacar.
Esfregão: pano de cozinha.
Espeloteado: amalucado.
Espichar a bota: morrer.
Espiga de marca: cabo do ferro de marcar gado.
Espora: grosseira, estúpida, sem graça.
Esse: o copo da espada ou da faca.
Estrafegar: espalhar, afugentar, desperdiçar.
Estranja: outras terras.
Ético: tuberculoso.
Faxina: graveto, ramo seco de pinheiro.
Fachuda: faceira, vistosa.
Fadário: prostituição.
Famulinha: filho pequeno.
Fazer vida: viver em mancebia.
Fecho: muro de pedras soltas, que divide as fazendas.
Fedunto: defunto.
Flaquita: muito fraca.
Fosquinha: gesto de provocação.
Franqueiro: gado de chifres grandes.
Fressura: vísceras.
Fuchicar: intrigar, fazer mexerico.
Fuziliscar: fuzilar, relampejar.
Gachar-se: agachar-se, abaixar-se
Gadeiro: cão que auxilia no trabalho do campo.
Galheiro: chifrudo, cornudo.
Galopar: galopar.

Ganiçar: ganir.
Garraio: boi imprestável.
Garrão: tendão de Aquiles.
Garrotilho: peste que ataca a garganta.
Garupa: o espaço entre o lombilho e a cauda do cavalo. Anca.
Gaudério: cão vagabundo.
Gauderento: cão vagabundo.
Gavião: fujão.
Gibu: zebu.
Gila: fruta rasteira, fibrosa, para doce.
Girau: compartimento entre o assoalho e o teto, para depósito.
Goalhava (Pregar-): mentira, mentir.
Goalhaveira: goiabeira.
Gomitar: vomitar.
Gordo: bêbado.
Graxaim: guaraxaim, espécie de cão selvagem.
Graxuda: gorda.
Guaxo: criado sem mãe, gordo, pesado.
Guaiaca: cinturão, com divisões para dinheiro e balas.
Guampa: espécie de copo feito de chifre.
Guapeca: cão pequeno.
Guariba: pelego.
Guasca: gaúcho.
Guexa: potranca.
Grade: trempe do fogão.
Grameiro: que mora na cidade.
Gritador: fantasma que grita nos caminhos, á noite.
Gritar: chamar aos gritos.
Holanda: aniagem.
Invernada: campo onde se engorda o gado.
Inzemplar: ensinar.
Ir-aos-pés: defecar.
Irapuá: marimbondo.
Lado de laçar: lado direito.
Lado de montar: lado esquerdo.
Lagaé: malandro.
Lagarto: chicote.
Lambedores de espora: lisonjeadores, engrossadores, servís.
Lambote: alemão.
Lançante: descida.
Leblina: neblina, cerração.
Lexiguana: marimbondo.
Liga: couro com que se cobrem as broacas nos cargueiros.
Lonanco: manco, pernetta.
Lonca: couro, pele.
Macacorra: ataque histérico.
Macaio: fumo ordinário.
Maceta: animal de juntas duras, pernas inchadas.
Macorombo: enfesado, roceiro, desenxabido.
Madrinha, Madrinheira: a égua que vai á frente da tropa, guiando-a.
Mamota: novilha que ainda mama.
Mancebo: espécie de mesa de cabeceira.
Mandraca: feitiço.
Mangueira: cercado onde se fecha e se trabalha o gado.
Manojo: feixe.
Mão pegada (Adeus de -): aperto de mãos.
Marca: contradança.
Marraeêra: marralheira, manhosa, astuciosa.
Marujo: glabro, sem barba.
Mascadeira: que mastiga freio e urina a cada passo.
Mata: chaga do lombo dos animais.
Matambre: carne que cobre a costela da rês.
Meço: pala curto de lã grosseira, tecido nas fazendas.
Memórias: anéis, alianças.
Merino: pelego.
Miúdos: vísceras das aves.
Mixorna: mixórdia, embrulhada.
Mocha: gaita de fole.
Mundeadado: viajado.
Mundéo: armadilha.
Murcelagens: vísceras.
Mudar caracu: caminhar.
Muquirana: piolho.
Nanoscada: noz-moscada.
Nó de boi: espécie de bengala feita do membro do boi.
Onça: moeda de ouro antiga.

Ovaia ou Uvaia: frutinha silvestre amarela.
Osca: pêlo do gado, cor escura.
Pacos: pacotes, contos de réis.
Palanquear: amarrar no palanque ou moirão.
Paleta: omoplata.
Palhacinha: calcinhas compridas dos bebês.
Panáσιο: estirão dado pelo laço, esticado de repente.
Pangaré: pêlo de animal.
Panzina: grávida.
Parar rodeio: reunir o gado em certo ponto do campo.
Passador: jóia utilizada para prender as pontas do lenço usado ao pescoço.
Pátio: a frente da casa.
Paçoca: massa de pinhão.
Patacão: moeda de prata antiga.
Pealar: lançar com o pealo, isto é, pelas pernas.
Pedicheza: mendigos, mendicância.
Pelear: lutar, brigar.
Penicar: beliscar, ofender.
Periquita: cédula verde, de 500\$.
Petiço (Ir): a todo galope, baixo.
Piá: peãozinho, rapaz empregado nas fazendas. Peão.
Piaco-Piaco (Olhos de -): mortícios, quebrantados.
Piava: faca pequena.
Picaço: pêlo escuro.
Picanha: anca.
Piche: esturro, queimado.
Picunha: pala fino.
Pila: mil réis.
Pilungos: cavalos imprestáveis.
Pinchar: atirar.
Pingo: cavalo bom.
Pinguancha: “pequena”, moça.
Piscuim: pasquim.
Pitar: fumar.
Pixurum ou puxurum: reunião em determinada fazenda, para auxílio ao trabalho agrícola, com bailes e outras diversões. No norte, mutirão.
Planchar-se: atirar-se, cair.

Política (- Moça): pernóstica.
Polvadeira: poeira.
Pólvora: cachaça.
Ponhar: pôr, colocar.
Ponta: manada.
Porto: porto Alegre.
Pouso: local em que se dorme, em viagem.
Pracata: alpercata.
Próprio: enviado, portador especial.
Pua: espora sem roseta.
Punga: à-toa.
Puxado: aumento da construção duma casa.
Queimar campo com chuva: mentir.
Quebra (Ficar-): enraivecer.
Queimada, Queimadilha: aguardente queimada.
Queixuda: teimosa, obstinada.
Quengo: cabeça.
Querência: lar, lugar em que nasceu e se criou.
Querumano: cantiga, fandango.
Quirera: farelo, neve miúda.
Rabicheza: traquinice.
Ramada: espécie de estrebaria.
Ratoeira: dança.
Reculutar: recrutar, reunir.
Rei (Pedir -): pedido de presente, em determinado mês do ano, que é retribuído. A retribuição denomina-se Rainha. É o pão por Deus do litoral.
Reminar-se: zangar-se, enfezar-se.
Repeicho: subida pequena.
Retalhado: potro impossibilitado de fecundar em consequência de operação praticada, servindo apenas para avivar o cio às éguas.
Retamado: sujo.
Retame: sujeira.
Revirado: refeição de viagem. Cachaça.
Riconvência: recado, convite.
Rinchar: relinchar, rir.
Rocinar: amansar de rédeas.
Rodada: queda do cavalo, correndo.
Rodeio: (ver “Parar rodeio”).
Rosetear: esporear.

Rustir: roçar, esfregar.
Sabugo: individuo desclassificado.
Santa-luzia: palmatória, férula.
Sapecada: borralho de pinhões.
Sedenho: crina, cabelo.
Sesteada: refeição feita no campo, em viagem.
Serigote: lombilho.
Serrilha: peça do freio, colocada sobre o nariz do cavalo.
Selim: sela para uso das mulheres.
Sequilhos: rosquinhas cobertas de clara de ovo batida com açúcar.
Sobre: extremidade do traseiro da ave.
Socado: lombilho de pau.
Sofrenar: soffrear.
Soga: laço com que se prende o animal, amarrada uma das extremidades a um moirão ou arvore.
Solito: sozinho.
Somítico: avaro.
Soquetes: pedaços de ossos com carne, de que se faz cosido.
Sovéu: laço de couro torcido, não trançado.
Sumanta: surra.
Taipa: muro de pedras-ferro soltas, que cerca as fazendas.
Taipeiro: o que faz as taipas.
Tala: chicote. Couro largo e curto da ponta do chicote ou das rédeas.
Tanajura: formiga.
Tararaca: imbecil, atoleimado, imbecilizado.
Tastavilhar: tropeçar, andar aos tropeções.

Tatu: relho, chicote.
Tedéum: barulheira, zum-zum, confusão.
Termo (Fazer -): agonizar.
Tentos: parte traseira do lombilho. Tiras de couro.
Terno de gente: muita gente.
Tibá: grávida.
Tiburcinho: rapazinho, criancinha.
Tiagem: cegueira, nuvem nos olhos.
Tiatino: cão vagabundo.
Tibéria: mulher, amante.
Tiçume: pano, tecido.
Tigüera: roça abandonada.
Tijuco: bravio.
Timbé, Tembê e taimbé: precipício, abismo.
Timba: maratimba, roceira.
Timbedo: muitos roceiros.
Timbrar: sentir, conhecer.
Tinhague: demônio.
Tiozinho: negrinho.
Tirar um tunerá: observar, anotar.
Toiceira: pés de mato.
Tope: morro pequeno.
Tordilhonego: pêlo de animal.
Tostado: queimado. Pêlo de animal.
Tracutinga: formiga.
Troncha: sem orelhas.
Trancucho: bebado.
Trotar: trotar.
Tubiano: pêlo de animal.
Uscar: aticar os cães.
Xerenga: faca de tamanho regular.
Xiru: índio, ou cruzado com índio.
Zaino: pêlo de animal.

5. Considerações Finais

O objetivo principal de nosso estudo passou a ser a restauração do texto original de Bulha d'Arroio. O produto final do nosso trabalho é a íntegra da obra, respeitada na sua autenticidade, e fica como sugestão para uma reedição do livro. Reedição essa que coloque o leitor em contato com aquilo que de fato Tito Carvalho produziu, diminuindo-se ao mínimo necessário a intervenção, que se dá somente no que se refere a atualização ortográfica. O processo de restauração do texto fundamentou-se nos pressupostos teóricos de Segismundo Spina, dispostos em "Introdução à Edótica: crítica textual". As duas edições não preservaram o vocabulário original da primeira publicação de "Bulha d'Arroio". A partir disso, conclui-se que não temos uma reedição fidedigna da obra, no que se refere ao texto de fato produzido por Tito Carvalho. Após a

análise, excluímos as cópias não fiéis e utilizamos como texto base para uma possível reedição a publicação de 1939.

Referências

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Edição Crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

CALDEIRA, Almiro. Tropilha guapa no pago das letras. In.: CARVALHO, Tito. **Vida salobra e Bulha d'Arroio: a ficção regionalista de Tito Carvalho**. Textos introdutórios de Almiro Caldeira e Mâncio da Costa. Florianópolis: FCC, 1992.

CARVALHO, Tito. **Bulha d'Arroio**. Edição crítica de Danila Carneiro da Cunha Luz Varella. Florianópolis: UFSC, 1979.

_____, Tito. **Gente do meu caminho**. Helena Tornquist (org.). Florianópolis: UFSC; FCC, 1997.

_____, Tito. **Vida salobra e Bulha d'Arroio: a ficção regionalista de Tito Carvalho**. Textos introdutórios de Almiro Caldeira e Mâncio da Costa. Florianópolis: FCC, 1992.

CORRÊA, Nereu. Um regionalista catarinense. In.: CARVALHO, Tito. **Bulha d'Arroio**. Edição crítica de Danila Carneiro da Cunha Luz Varella. Florianópolis: UFSC, 1979.

FROZZA, Márcia Vidal Candido. **Paisagens, retratos e quadros: o planalto catarinense em Bulha d'Arroio e Amigo Velho**. Florianópolis, 2003. Tese de mestrado.

LOBATO, Monteiro. O dicionário brasileiro (1922). In.: PINTO, Edith Pimentel (org.) **O português do Brasil: textos críticos e teóricos**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1981.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: crítica textual**. 2º ed. São Paulo: Ars Poética e EDUSP, 1994.

Anexo I

Bulha d'Arroio

- “Pois, é isso: preguei com uma carga de chumbo na paleta do tio Jaço. Ele era tipo enzoineiro, a me provocar toda vida, com voz de chibarro, orneando cantigas esporas e o querumano desgraçado. A última vez que demos adeus de mão-pegada, foi na venda do Janguta, na capela da Chapada Feia. Bebemos na mesma guampa a mesma pólvora... Ajouquei-me a um canto e gachei-me a olhar o tio velho. O danado tava ficando gordo, e garrando a viola, dançando, aos corcovos com unhadas pelos bordões, pegou a penicar na minha vida, uma vida triste... Eu, então-se, com um pulo de jaguatirica, caí na mangueira e gritei o garraio a tirar um cotejo. Ele pinchou-se, a espada reberberando na mão. Peleiamos um mundo de tempo. Cortei-o, pra ultimar, nos costilhares, e, brincando, limpei a sangueira do ferro na holanda que era o seu picunha dele. Jacó, brabo, com os olhos relampeando que nem poça onde o sol se lava, fincou-me um golpe que desviei, indo o tio velho cair pro lado, escoiceando, que nem gado na derrubada da marcação... Montei no meu tostado, e disse pra ele, que roncava como touro de cisma perdida pelos rodeios: — “Cuê puna bisca velha! cotejo contigo só a lagarto, pra te xarquear o lombo a laço, como quem tira balda de aricunga ou reina de boizinho gaúcho!” — E cheguei os ferros no animal. Isso era de tarde. Já o céu, como rês golpeada no sangrador, ia ficando dum vermelho de sangueira, igualzinho a tinta encarnada do tiçume de igreja. Pela pinheirama, uma ou outra carucaca se ajeitava para o pouso e algum carancho, farejando ainda terneiro novo, piava um pio agourento... Eu ia galopeando, ia petição, pela estrada do Rabungo, levar uma riconvência ao Chico Bragado. Não que fugisse, que eu cá nunca arreciei boi no palanque, nem Jaços por esses chãos de Deus... Mas, como falava, — ia galopeando, cortando no meu matungo essas coxilhas e canhadas. Ao descer um tope, perto do Lageado Velho, onde corre o Arroio Pequeno, senti bulha na água. Sofreí o tostado. Timbrei logo dois pungas – eu ia no rasto. Mas, seu doutor, aqui é que está toda a minha desgraceira. Quem haverá de dizer! Em oito cascos de pilungos gafeirentos! Na bulha do arroiozinho! Já vai ver: Costeando a taipa, dois homens compunham os arreios. Meti-me num capão, e bem defronte aos andantes, parei a enrolar o cigarro, com a chuspa nos dedos. Daí, como os ouvidos não se fecham e eu tava curioso, fui notando a conversa dos homens. Pois, um, acredite e eu lhe juro por São Joaquim, era justamente, inteirinho, em carne e lonca, o tio Jacó. Fiquei quebra. Eles rinchavam alto: - Mas, vancê ta cortado? Parésque se vai boleando, á maneira de sestro!” – “Pois, foi o Pedro Lonanco. Pinchei-lhe um chapéu-de-veado pelo quengo, e o espeloteado, atopetando-se de ciúme, me provocou. Medimos logo as vasilhas e saí cortado do cotejo”. Não pude ouvir mais? A Thanagilda, broáca velha marraieira,, andava fazendo vida com tio Jaço, uma égua pesteadada das cadeiras! ... Não ouvi mais, e abrindo a boca, soltei o meu grito de desespero e vingança – Êhôôô! ... – Os timbés, como vacas desgarradas, responderam meu berro, e eu larguei-me pelo mato a dentro, morro a baixo, numa disparada louca. Dias depois apeei na minha ramada. Pinchei o socado no girau. Era escuro. Garrei o guariba e fui ponhar no catre do rancho. Topei tudo numa remexida. Saí convencido. Fui pra cozinha. A Thanagilda tava macetando pinhão perto da grade. Pedi café (aqui engrossa esta historinha dos diabos), e a tibéria trouxe o copinho, que eu fui temperando calado. Mas, pra maior desgraça, o maldito tinha piche! Eu não podia mais aturar. A bicha tomou o freio nos queixos, e não havia modos de bandeá-la. A vida, pra mim, era uma cangalha

mal enjambrada; era que nem carga que pende: do lado de laçar, o peso de lã de ovelha, a minha coragem de confiado; do lado de montar, o peso de sal da minha amargura. Carga de sal! Era só velhaquear pro arroio... E ficava desliviado. Virei a louquear da cabeça. Pinchei o copinho nas guampas da Thanagilda e fui s'embora, por esses mundos de Deus, com a vinchestra no lombo... Na altura do Passo Torto empaquei, pertinho do mato carrasquento. Ouvi tropel de animal. Era a Providencia que mandava: tio Jacó vinha meio escorvado, num galope feito, pro meu lado. Aí, então-se, só sei que calquei o gatilho e bruto despencou do animal, berrando a gomitir sangue: “Só mesmo de treição!” Quando dei tento de mim, a Thanagilda tava do lado, olhando meio tararaca pro macho dela. Não agüentei: segurei a china velha pelas crinas e enveredei pro timbé. Ergui-a sobre o rio, que escumava em baixo. Ela garrou-se a minha mão com unhas e dentes, mas eu sacudi o braço. E só ouvi, pro fundo, o barulho duma coisa que s'esmigalha nas pedras e cai n'água aos pedaços... Senti um alívio grande. Havia ficado livre da carga de sal que tanto me pesava: a honra dum tropeiro 'tava areada com o sangue do dois feduntos. E, depois seu doutor, a gente de tanto aloitar com a caipa, abomba, fazendo o diabo, acabando de estripulia em estripulia, com essa tedeunzada toda, no varão da cadeia. Esta é a minha historinha. Tanta mixorna por uma bulha de arroiozinho! Vancê faça o que quiser dela nos júris. Eu não cuido no tempão que hei de parar aqui, e a saudade do meu campo e da minha lida ha de dar comigo na cova. Mas, diz que, seu doutor, um tropeiro foi e é sempre um homem...”

Luta de Touros

O Jaguané... O Baio-Churriado...

Viviam a olhar-se, as orelhas picotadas pelo sinal caídas para frente, rumo dos cornos grossos, volteados — dois lindos pares de borrachões! Entre eles, aparando-lhes os impulsos da luta, as pedras-ferro justapostas da taipa alta, que vinha escorrendo, coxilha abaixo, num coleio de cobra formidável.

A imobilidade do seu frente-a-frente era cortada, quando a quando, pelo mosquear da cola, enxotando motucas, ou pelo vaivém rápido da língua, entre as narinas arfantes e os beiços reluzentes de baba.

Às vezes, tremuras demoradas do pêlo, na defesa do couro contra ferrões teimosos.

Olhavam-se longamente, nos grandes olhos calmos. Dir-se-ia que conversavam, de menina a menina, mudos, velhos tempos de correrias loucas. E, virgulando frases, lá vinha um bater demorado de pálpebras, que seria sorrisos... Sorrisos duma saudade indefinível...

Entanto, latejavam ali, naquelas posturas tranqüilas, e estouravam pelas órbitas molhadas, dois grandes ódios inextinguíveis.

Lambia-os o sol, de chapa, pondo-lhes coruscações de minúsculos cristais nas manchas esborcinadas do pêlo.

Para os longes, num fundo de porcelana azul, os montes, de dorso fendido, a espaços, em verdes chapadas, eram como que gigantes musculosos, de borco, espiando para o ventre da terra o trabalho fecundo da germinação. Pelos seus flancos, roeduras sépia de largos descalvados.

Eles fitavam-se, insaciáveis, estranhos á paisagem, na hipnose crescente do mesmo desejo de aniquilamento...

Súbito, o Jaguané entrou a urrar baixinho, cheirando a terra, escarvando-a com o casco direito dianteiro, a levantar altas colunas de pó, que voavam rutilando.

Do lado oposto, outro ronco surdo, um segundo martelar de pata no chão, atirando poeira ao ar, — a luva da provocação apanhada.

Ia começar o aloite.

Os dois touros, então, recuaram, bufando, a cabeça baixa, o perigalho bamboleante.

E de pontas baixas arremeteram, em fúria, a cauda golpeando o ar, em gancho...

Houve uma palpitação derredor, como se corresse o campo, as arvores e as ervas um arrepio de gula, na fome da seiva, o antegozo brutal do estraçalhamento.

O saltitante fiozinho d'água dum arroio apressou mais o deslize, a contar às sombras e seixos, e risadinhas de noveleiro, aquele embate de forças, que se faria derrame de sangue...

Um pintalgado beijo da taipa desabou, fragoroso, como velha parede em ruína, ao entrechoque rude dos corpos.

E agora, na largueza sem fim do campo livre, os dois touros, de chifres encruzados, iam gravando, com o filete de gosma pendente, na pelúcia macia da relva, toda a grandeza bárbara daquele encontro de forças iguais e poderosas.

Horas em desfio, não quebram a atitude. Poder-se-ia jurar que já ali se achavam, petrificados na mesma “pose” agressiva, insensíveis, tempo fora, ao rebentar da florescência, aos esgalhos novos, á passarinhada voejante, si não fosse o relevo mais forte duma cordoveia, o reteso mais violento da musculatura rijá.

Por fim há um estalo de um casco. O Jaguané desanda, badalando a cabeça, chocalhando as aspas, como afiando-as.

Num apelo desesperado á sua dinâmica, mais se lh'esticam os nervos, 'té quase rebentarem.

E volta, novamente, á imobilidade da defesa, para outra vez recuar e outra vez estacar, firmado nas patas traseiras.

Sob a pele grossa toda a sua estrutura enorme range num fatal esgotamento.

Do couro, zebrado a esfoladuras de raspão, andam porejando lagrimas de sangue...

Para trás, vagarosamente, sempre para trás, num encolhimento de desanimo, ele tem a instintiva intuição da derrota infamante.

E, então, ferra-se á astúcia.

Mas a sua agilidade felina encontra, por diante, outra ligeireza assombrosa.

As investidas de ataque não chocam alvo.

Semelham ambos, na rapidez dos golpes, o fio do lombo em reta, uma agulha imanada.

Os seus grandes olhos doces vão ganhando raiaduras rubras.

Vê-se, pela brutalidade acesa da luta, que têm a consciência do seu termo.

E é quando, conseqüência do recuo ziguezagueante, o Jaguané boja na taipa, a língua ao canto da boca em espuma, com um cansaço incoercível a estrangular-lhe o arcabouço em agitado resfôlego.

O Baio-Churriado afasta-se, de relâmpago, ressabiado daquela capitulação fácil. Ele é o rei do campo, de soberania firmada pelo triunfo magnífico da sua força. São-lhe troféus as novilhas ariscas, de carne quente e virgem.

O orgulho selvagem do macho fê-lo cavar o chão, provocante ainda...

E arremeteu, uma derradeira vez, de cabeça baixa.

Na antevisão do perigo, o outro tentou evitá-lo. Escasseou-lhe tempo. E jeito. As aguçadas pontas do Baio cravaram-se entre a picanha e o enripados das costelas. E logo dois esguichos de sangue golfaram em arco...

Teve um berro de dor e desespero. E, diante do rival colhido do pasmo daquela repentina desgraça, caiu, lentamente, sobre as pernas dianteiras, com um ronco demorado e frouxo.

Tomou-o, aos poucos, o desfalecimento da morte.

Da boca aberta, das ventas convulsas, na sede de ar, e do lacre das feridas, manava o sangue fumegante, aumentando os coágulos do chão.

Já as varejeiras lhe enxameavam o dorso aveludado e em voejos rápidos iam lambendo o visco das escleróticas.

Os cascos arranharam a terra, num ultimo apego á vida, ensangüentando-se. A pele começou a contrair-se e a cauda varreu o ar, em despedida, em maldição, talvez. Pelas narinas derramava-se a esverdinhada podridão liquefeita das entranhas.

Mais um espasmo, e ficou imóvel...

.....

Toldavam a meia cinza da tarde, em espirais de revôo, asas negras de corvos.

O touro vencedor, cheirando o sangue arroxeadado do chão, cortava o rumor de recolhimento, que se ia infiltrando terras e coisas a dentro, com mugidos longos e doloridos, — saudade dum ódio ou espinho dum remorso, — té que o esfumino da noite esbateu tudo no mesmo tom de treva e no mesmo silêncio de repouso...

Valentia

... O xirú marujo falou: — “A tal de Maria-Chica foi bichinha bilontra até umas horas!

Quem a visse hoje, enxaguando os trens, batendo a tachada de soquetes pro sabão, ou de cócoras, espremendo o teto das vacas, não diria que aqueles olhinhos de piáco-piáco, aquela carinha de pêscó, nos pixuruns ou nos espalhapés, armavam

badernas que — Deus nos acuda! — a negrada garrava o vassoural a jeito de boiada em estouro!

Também uma bicota daqueles beicinhos, minha gente, devia de ter gosto de apoio!

Vou-lhes contar o caso dum baile nas Bracatingas, — querência do timbedo do Cedro...

Saiu uma mixornada tal, que chegou a dar piscuim, em décimas muito de se ler, e rir até doer a raiz do embigo...

Mal contada, mas verdadeira, que eu cá não passo adiante o emboá que me pregam.

Pois...Naquela noite, o vento e a chuva eram parceiros, correndo a galopito na cancha da escuridão...

A guapecada uivava, que parecia farejar alma penada.

Já de tarde, o pessoal tinha chegado, pela riconvência feita. Os rapazes vieram depois, os cavalos de cola atada, as bombas do peitoral espelhando os relâmpagos nas brochas.

Dançou-se, brincou-se toda a vida. Corria a canguára da venda dum lambóte.

Pela noite afora, chuva que Deus mandava...

Ora, o Zé-Chapada andava dando umas piscadas roubadas com a noiva do Terêncio, diante do qual ele, nessa noite, meio trancucho, sentou namorar.

Daí, passou as unhas na mocha e, pra fazer cuca, tocou modinhas chorosas, chegando a debulhar uma tristeza na sala, tanta era a gemição...

O outro pegou a coçar-se, com o micuim da ciurada, mais doído que páu-de-bugre.

Vai senão quando, a gaita velha entrou na toada — cué-ré-qué-can, can-can — e o negrinho safado abriu o dizedor, provocando:

Ó gente cá deste sítio

Me decifre esta charada:

Qual dos dois terá mais galho, Si o chibarro ou a veada?

Êpôta-lê Maria-Chica! Ficou chucra, desembestou que nem novilha de anca queimada da marca!

Naquele momento, a amizade que tinha no tiozinho, meio bandeando-se em cambicho, virou ódio. Deu-lhe a brabeza. E já lhes contei!

Sem poder sufrenar a raiva, pinchou-se no pulguêdo do meio da sala e brotou pra riba do tocador com esta respostada:

Qual dos dois terá mais galho.

Já te digo Zé-Chapada:

É a mãe dum negro porco.

Guampas cheias de queimada!

Pinguancha destorcida! Avançou p'r'o cantador e fincou-lhe a pracata pelos queixos. Nossa! Foi um tedéum!

Mais de meia dúzia de moças caíram p'r'o chão coiceando com a macacôrra.

Zé-Chapara escumava, velhaqueando, preso por dois parceiros. Parecia ruim-do-juízo.

Do outro lado, Terêncio, seguro pelos companheiros, berrava:

Larguem esse sabugo! Quebro-lhe uma aspa e deixo a outra balanceando!

Me larguem, eu sou homem! — gritava o pracatado.

“Compadre” daqui, “amigo velho” dali, “me atenda”, de lá, tudo se acomodou.

Reacenderam-se as lamparinas, a cordeona voltou a gemer e a rapaziada a maxixar no rodeio da sala...

Mas...

Meter-se a gente na vida alheia é o diabo!

Pra mim, todo homem que masca de mais o freio do diz que, merece serrilha de aço, que as de dente de porco — préqt! — partem logo.

P'ra mim e p'ro Terêncio, ora...

Vão lá se mirando no que aqui conto, em frases macetas, os que nasceram p'ra fazer esteira de cangalha e vivem arrotando valentia...

— É, rapaziada! Hi vem vindo a barra do dia!

Maria-Chica encostou-se á janela.

Para o lado da costa, no rumo de Bom-Sucesso, da meio escuridão surgia, crescendo, uma mancha cor de ovaia, sobre o fundo de leite novo do céu.

Era como se Deus Nosso Senhor raspando uma nuvem no lombo da montanha, estivesse acendendo com relâmpagos, muito em baixo, na raiz da serra, a tocha do dia...

Pouco a pouco a claridade foi lustrando o esmalte azul do céu.

Os campos e os matos pegaram a despertar num verde alegre, lavado pelo temporal da noite, com espaçados bocejos de neblina.

Quem quiser pousar, já se sabe, é ir reunindo os pelegos! — gritava, novamente, o pai da farra.

À moça, os últimos tinidos de esporas na valsa da despedida não alheiarão a atenção.

Na fraqueza da noite em claro, uma palidez de quem velou defunto, ficara a sentir, arvoadamente, a religiosa grandeza daquela terra, que saía do mistério, abrindo o seio á fecundidade.

Já agora, a paisagem diante ganhava traços firmes, acentuando-se-lhe as tintas, sofrendo retoques, doirados a poder de luz.

Maria-Chica ia correndo os olhos, demorando-os nos capões, donde as rezes vinham saindo, quietas, o passo cadenciado. As mamotas, dando largas á rabiçez, espirravam do mato em velhaqueios, banhando-se na luz acariciante da manhã.

(continua mesma linha) Buscavam todas o verde fresco da pastagem ou batiam pro rodeio, a dar umas lambidelas ao sal...

A atenção da moça mudou de rumo, ao notar a água barrenta dum arroio, seguindo-o até a porteira, onde, num curtefúgio, levava sumiço.

Súbito, deu um grito, nem que tivesse sido mordida de vespa.

Todos acudiram.

E viram, então, pela janela, ao longe, contra as tronqueiras, dois homens em aloite.

Desceram a apartá-los.

Pareciam dois loucos-da-cabeça.

Um deles descascava, sem dó, o camboim por riba do outro, abrindo-lhe brechas e vergões que logo se tornavam inchumes.

O pobre Zé-Chapada foi carregado aos ombros. Tinha de seguir pra vila em bangoê.

E o Terêncio, com os braços da Tibéria, toda orgulhosa, em armadilha de laço, enroscados ao pescoço, com a cara retamada de lama e sangue, boleava ainda o porrete, berrando a subir o tope:

Comigo é ali: — no pau da goalhaveira!

E era mesmo...”.